

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

MARLENE MATEUS COQUEIRO

**CADA UM NO SEU QUADRINHO: AS HQs E A FORMAÇÃO DO LEITOR NO
ENSINO FUNDAMENTAL - RELATO DE EXPERIÊNCIA**

**JARDIM- MS
2013**

MARLENE MATEUS COQUEIRO

**CADA UM NO SEU QUADRINHO: AS HQs E A FORMAÇÃO DO LEITOR NO
ENSINO FUNDAMENTAL - RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Letras
Habilitação Português/Inglês, pela UEMS-Universidade
Estadual de Mato Grosso do Sul - Unidade de Jardim,
como requisito parcial para a obtenção do grau de
Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Susylene Dias de Araujo

**JARDIM- MS
2013**

COQUEIRO, Marlene Mateus.

Cada um no seu quadrinho: as HQs e a formação do leitor no ensino fundamental - relato de experiência. / Marlene Mateus Coqueiro. Jardim: UEMS, 2013. 43 p.; 30 cm.

Bibliografia

Monografia de Graduação – Curso de Letras Habilitação Português/Inglês – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

1. Formação do leitor 2. Histórias em Quadrinhos 3. PIBID/LETRAS/Jardim

É concedida à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul a permissão para publicação e reprodução de cópia(s) deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apenas para propósitos acadêmicos e científicos, resguardando-se a autoria do trabalho.

Marlene Mateus Coqueiro

Jardim, 27 de Novembro de 2013

MARLENE MATEUS COQUEIRO

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS-INGLÊS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**CADA UM NO SEU QUADRINHO: AS HQs E A FORMAÇÃO DO LEITOR NO
ENSINO FUNDAMENTAL - RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA**

APROVADA EM: _____/_____/_____

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Susylene Dias de Araujo.

UEMS

Prof^a. Esp. Michele Serafim dos Santos

1º Examinadora

Prof. Me. Rosicley Andrade Coimbra

2º Examinador

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus,
pela vida, saúde e sabedoria.

À Professora Dr^a Susylene Dias de Araujo, coordenadora do Subprojeto PIBID/
LETRAS/Jardim e minha orientadora, pelo incentivo e interesse ao apresentar-lhe o tema
deste trabalho;

À minha família, que mesmo distante esteve sempre presente;

Ao meu namorado, Iran Rocha Martins, por incentivar meus estudos e acreditar em
mim.

Às minhas amigas e companheiras de caminhada Paula Araújo Honorato, Laiza
Janaína de Oliveira e Silvia Helena Silva, pessoas especiais que contribuíram para essa
conquista;

À minha amiga Dilma Celanir Cunha pelo apoio durante meus estudos e por sempre
estar ao meu lado mesmo nos momentos mais difíceis;

Ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID/CAPES/UEMS),
pela oportunidade de vivenciar a experiência da docência antes mesmo da formação e pela
bolsa concedida.

Dedico este trabalho de conclusão de curso ao meu pai, ***Sebastião Coqueiro***, do qual muito me orgulho por ter me ensinado a viver com dignidade e responsabilidade.

“Ler HQs é conquistar sentidos, caminhar pelo mundo da literatura, da linguagem, da semiologia, dos mascaramentos que movem a vida cotidiana. Ler HQs é pensar o movimento, aprender o movimento, entender o movimento e nunca parar de fazer perguntas e decifrar sinais.”

Rogério Britto

RESUMO

COQUEIRO, Marlene Mateus. **“Cada um no seu quadrinho: as HQs e a formação do leitor no ensino fundamental - relato de experiência”**, 2013. 43 p. TCC (Graduação) – Curso de Letras habilitação Português Inglês, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Jardim, 2013.

Este trabalho de conclusão de curso descreve uma experiência vivida por intermédio da oficina “Cada um no seu quadrinho”, desenvolvida como parte das atividades do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), do Subprojeto Letras/Jardim, projeto do qual atuamos como bolsista durante 1 ano e 3 meses. A leitura ocupa um papel fundamental no cenário escolar e o desenvolvimento das atividades do PIBID nos levou a colocar em evidência algumas oportunidades que despertaram o prazer e o interesse por esta prática. No relato aqui exposto, ressaltamos que ler HQs é importante para a aprendizagem, pois através da leitura, em seus diferentes gêneros, compreendemos a importância de ouvir, contar e recontar histórias. A fundamentação teórica do trabalho está contida nos PCNs, bem como nas contribuições de autores como Angela Rama e Waldomiro Vergueiro (2012), Ligia Cadermatori (1994), Rildo Cosson (2011), Gomes (2012), Djota Carvalho (2006), Fanny Abramovich (1997), entre outros.

Palavras – chave: 1. Formação do leitor; 2. Histórias em Quadrinhos; 3. PIBID/Letras/Jardim

ABSTRACT

COQUEIRO, Marlene Mateus. "Each in your comic: the comic and reader education in elementary school – an experience report". 43 p.; TCC (Graduation) – Languages hab. Port. Engl., Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Jardim, 2013.

This work describes the conclusion of the course experience through the workshop "Cada um no seu quadrinho", developed as part of the activities of the Programa Institucional de bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), Subproject Letters/Jardim, project which acted a scholarship for 1 year and 3 months. Reading plays a key role in the school setting and the development of activities PIBID led us to put in evidence some opportunities that aroused pleasure and interest in this practice. In the record shown here, we emphasize that reading comics is important for learning because through reading, in their different genres, we understand the importance of listening, telling and retelling stories. The theoretical work is contained in the PCNs as well as the contributions of authors like Angela Rama and Waldomiro Vergueiro (2012), Ligia Cadermatori (1994), Rildo Cosson (2011), Gomes (2012), Djota Carvalho (2006), Fanny Abramovich (1997) and others.

Key-Words: 1. Formation of the reader 2. Comics; 3. PIBID/Letras/Jardim.

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I – HISTÓRICO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS	14
1.1 O surgimento das histórias em quadrinhos.....	15
1.2 A marginalização das HQs.....	16
1.3 A recuperação	18
1.4 Histórias em Quadrinhos no Brasil.....	19
CAPÍTULO II – AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA ESCOLA	22
2.1 No conteúdo dos Referenciais Curriculares de MS.....	23
2.2 Na Escola Cel. Rufino.....	25
2.3 HQs e o Letramento Literário.....	25
CAPÍTULO III – RELATO DA EXPERIÊNCIA VIVIDA NA ESCOLA ESTADUAL CORONEL PEDRO JOSÉ RUFINO COM AS HQS E O PIBID.....	27
3.1 Cada Um no Seu Quadrinho.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS.....	41

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1.1	Roda de leitura dos alunos na Escola Estadual Coronel Pedro José Rufino de Jardim-MS, 2013.....	32
FIGURA 1.2	Imagem do livro utilizado na oficina “Cada um no seu quadrinho”.....	33
FIGURA 1.3	Alunos e bolsista do PIBID/Letras/Jardim no pátio da Escola Estadual Coronel Pedro José Rufino, 2013.....	35
FIGURA 1.4	Imagem do livro utilizado na oficina “Cada um no seu quadrinho”.....	53
FIGURA 1.5	Alunos participantes das oficinas encantados com a leitura na biblioteca da Escola Estadual Coronel Pedro José Rufino, 2013.....	36
FIGURA 1.6	Imagem da HQ utilizado na oficina “Cada um no seu quadrinho”.....	37

INTRODUÇÃO

Não há data certa para o surgimento das Histórias em Quadrinhos. Estima-se que as HQs¹ começaram a ganhar importância por volta do século XX nos Estados Unidos e na Europa, mais especificamente por ocasião da Segunda Guerra Mundial, e no Brasil, a partir da década de 1970 com o surgimento da Indústria Tipográfica.

No Brasil e no mundo, devido ao grande sucesso e popularidade, os criadores de histórias em quadrinhos começaram a escrever textos com temáticas de violência, sexo e terror, o que em nada agradou pais e educadores, fazendo com que os quadrinhos fossem considerados um tipo de leitura nociva para o desenvolvimento das crianças e adolescentes. A partir daí, houve a proibição da leitura das HQs nas escolas, até mesmo daquelas que poderiam ser consideradas como as mais “inocentes”. Apesar das proibições, até por meio de documentos, muitas crianças e jovens continuaram a ler HQs escondidos dos pais e professores, o que comprova a popularidade desse tipo de leitura.

No geral, foi preciso que os quadrinistas e aqueles que se dedicavam ao gênero reinventassem textos e formatos para convencer pais e professores da importância dos quadrinhos na formação do aluno leitor. Isso aconteceu a partir do momento em que as HQs passaram a ser produzidas em caráter educativo e pedagógico, como é o caso da adaptação de clássicos da literatura para quadrinhos, e da divulgação de personagens como o *Menino Maluquinho* de Ziraldo.

Considerando que as HQs retornam às escolas para desfazer qualquer tipo de preconceito quanto ao ensino aprendizagem, optamos por desenvolver este trabalho a partir de um projeto executado na Escola Estadual Coronel Pedro José Rufino, localizada na cidade de Jardim-MS, junto ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), de iniciativa do Governo Federal, no qual participamos como bolsista do Projeto Letras/UEMS/Jardim.

O objetivo principal deste estudo está concentrado em relatar a experiência vivenciada na iniciação à docência, como professora de Língua Portuguesa no ensino fundamental, a partir da mediação de leitura que se vale das Histórias em Quadrinhos como leitura inicial. Compreende-se neste estudo, a importância das HQs na formação do leitor, a apresentação do panorama histórico do gênero, desde o surgimento até os dias atuais; sua atuação e aceitação na escola ao longo dos tempos; e por fim, o relato da experiência propriamente dita.

¹ Ao longo deste trabalho as Histórias em Quadrinhos serão mencionadas como HQs.

Os objetivos específicos foram:

- Observar o desenvolvimento de atividades de leitura no Ensino Fundamental da Escola Estadual Coronel Pedro José Rufino;

- Verificar como é trabalhada a questão do incentivo à leitura nesta instituição de ensino e em especial se existem algumas iniciativas ou projetos que tenham como base as HQs;

- Verificar de que forma documentos como os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) e Referencial Curricular de MS trazem as diretrizes para o trabalho com HQs;

A formação do leitor crítico e autônomo, por meio do letramento literário foi um dos focos predominantes em nosso trabalho com as HQs. Poucas abordagens trazem de maneira tão concreta e direcionada a questão do letramento literário como as de Rildo Cosson no livro *Letramento Literário: teoria e prática* e esta foi um de nossas maiores recorrências.

O presente trabalho divide-se em três capítulos, nos quais buscamos fazer um estudo sobre o gênero HQs, relacionando-as com o ensino de Língua Portuguesa com enfoque no incentivo à leitura e análise do relato da vivência em sala de aula.

O primeiro capítulo trata da abordagem histórica sobre o gênero HQs, fazendo um breve histórico sobre sua origem, com enfoque nos principais acontecimentos que marcaram o mundo das Histórias em Quadrinhos. O segundo capítulo busca analisar como esse gênero é abordado nos documentos oficiais como os PCN e o Referencial Curricular no Ensino Fundamental mais precisamente, no caso dos Referenciais, para o oitavo ano. No terceiro capítulo procedemos com o relato da experiência de trabalhar HQs na Escola Estadual Coronel Pedro José Rufino através da oficina “Cada um no seu Quadrinho” parte das atividades do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/UEMS).

Em nossas considerações finais deixamos evidente a constatação de que o trabalho contribuiu como incentivo à leitura de um gênero até pouco tempo esquecido e desvalorizado na escola. Na tentativa de quebrar tabus buscamos mostrar que todos os gêneros textuais podem ser lidos na escola e contribuem na formação de leitores, cabe ao professor atuar na mediação e na seleção dos títulos e das atividades escolhidas.

CAPÍTULO I

HISTÓRICO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Este capítulo trata de um breve histórico dos quadrinhos no mundo e no Brasil, destacando sua influência sobre jovens leitores. O local de seu surgimento gera controvérsias entre estudiosos da área, no entanto, importante mesmo é conhecermos quais foram as contribuições desse gênero para a literatura e para a educação, ontem e hoje.

Desde os primórdios, a imagem gráfica é usada pela humanidade como meio de expressão de suas emoções e vida cotidiana. Segundo Rama:

O homem primitivo, por exemplo, transformou a parede das cavernas em um grande mural, em que registrava elementos de comunicação para seus contemporâneos: o relato de uma caçada bem sucedida, a informação da existência de animais selvagens em uma região específica, a indicação de seu paradeiro etc. (RAMA, 2012, p.8)

Assim, quando o homem das cavernas gravava duas imagens, uma dele mesmo, sozinho, e outra incluindo um animal abatido, poderia estar, na realidade, vangloriando-se por uma caçada vitoriosa, mas também registrando a primeira história contada por uma sucessão de imagens. Bastaria, então, enquadrá-las para se obter algo muito semelhante ao que hoje se conhece como Histórias em Quadrinhos (HQs).

Com o passar do tempo, com o surgimento do alfabeto, a imagem como elemento de comunicação passou a ter menor importância. No entanto, o acesso à escrita ocorreu de forma bem restrita, inicialmente para as parcelas mais ricas da população, o que garantiu a permanência da imagem gráfica como algo essencial na comunicação.

Tempos depois, nem mesmo o aparecimento da imprensa e a evolução da indústria tipográfica impediram a permanência da imagem como elemento preponderante na comunicação humana, pelo contrário aumentou ainda mais sua popularidade, por possibilitar sua produção em larga escala e a baixos custos. Como ressalta Rama,

A evolução da indústria tipográfica e o surgimento das grandes cadeias jornalísticas, fundamentados em uma sólida tradição iconográfica, criaram condições necessárias para o aparecimento das histórias em quadrinhos como meio de comunicação de massa. (RAMA, 2012, p.9)

Ligia Cademartori confirma a importância que tomou as histórias em quadrinhos no período da comunicação industrial:

Na década de 70, uma outra produção gráfica, destinada à criança, já havia merecido atenção: os quadrinhos. O desenvolvimento da comunicação industrial no país, com o conseqüente aumento do raio de ação dos *mass media*, ao lado do surto semiológico que se alastrou pelas universidades na época, privilegiou o estudo de sistemas de signos até então considerados indignos de atenção. (CADEMARTORI, 1994, p.14)

De fato, a comunicação industrial foi o estopim para o sucesso das Histórias em Quadrinhos nesta época, pois, possibilitava sua divulgação em larga escala e a baixo custo. Ainda sobre o surgimento dos quadrinhos, Nataniel dos Santos Gomes (2012) relata a publicação dos primeiros quadrinhos nos jornais:

Uma das primeiras histórias em quadrinhos publicadas em tiras em jornais foi essencialmente dedicada ao mundo da fantasia: Little Nemo. Criada por Winsor Mc Lay em 1905, somos apresentados a uma série de aventuras que se passam integralmente nos sonhos do jovem personagem que dá nome ao título. (GOMES, 2012, p.61)

O pesquisador ainda destaca que essas primeiras publicações em quadrinhos tiveram um tom mais voltado para o humor e serviram como folhetins do cotidiano para um público essencialmente infante-juvenil, porém, mais adiante, foi-lhes conferido uma conotação mais sombria e de violência, que levou a sua rejeição por parte de pais e educadores.

1.1 O surgimento das histórias em quadrinhos

Há controvérsias sobre onde tenha surgido a primeira História em Quadrinho. Roberto Elísio dos Santos, na *Revista Crás!: Quadrinhos Brasileiros e Indústria Editorial* (apud Gomes, 2012), afirma ser o Brasil pioneiro na produção e publicação de histórias sequenciais:

Três décadas antes de serem publicados os primeiros Comics norte-americanos, jornais brasileiros já contavam com a impressão de histórias ilustradas sequenciais. O pioneiro desta forma de expressão artística e comunicativa foi o ítalo-brasileiro Angelo Agostini, que em 1867 já escrevia e desenhava essas histórias para o jornal *O Cabrião*, na cidade de São Paulo. Seu primeiro personagem fixo foi Nhô Quim, um interiorano que aprontava muitas confusões em sua viagem à Corte (Rio de Janeiro). Essa fórmula foi

retomada por Agostini em 1884, com o personagem Zé Caipora. (GOMES, 2012, p.08)

Já Ângela Rama (2012) considera que as HQs surgiram nos Estados Unidos, pois, foi lá que encontraram ambiente propício para se consolidar.

Ainda que histórias ou narrativas gráficas contendo os principais elementos da linguagem dos quadrinhos possam ser encontradas, paralelamente, em várias regiões do mundo, é possível afirmar que o ambiente mais propício para seu florescimento localizou-se nos Estados Unidos do final do século XIX, quando todos os elementos tecnológicos e sociais encontravam-se devidamente consolidados para que as histórias em quadrinhos se transformassem em um produto de consumo massivo, como de fato ocorreu. (RAMA, 2012, p.9)

Diante dessas considerações acerca do surgimento das HQs, nosso foco de interesse levará em conta a contribuição do gênero para a formação de leitores, e aqui não caberá fomentar os embates quanto ao seu criador, pois, cada um desses certamente contribuíram à sua maneira para que se tornassem populares.

1.2 A marginalização das HQs

A Segunda Guerra Mundial ajudou a multiplicar a popularidade das HQs. Com o engajamento fictício de heróis no conflito bélico, houve o consumo massivo por grande parte de jovens americanos. A esse respeito Rama afirma que:

O final da Segunda Guerra Mundial viu o aparecimento de novos gêneros nas revistas em quadrinhos, destacando-se as histórias de terror e suspense, que enfocavam temáticas de gostos duvidosos e traziam representações extremamente realistas. (RAMA, 2012, p.10)

Percebemos então que, heróis como o Capitão América contribuíram muito para reafirmar a supremacia e a identidade Norte-Americana neste momento de conflito, e devido ao grande sucesso, novos personagens que formaram a “Liga da Justiça” foram surgindo e se afirmando no mercado dos quadrinhos.

Por conta disso, a popularidade dos quadrinhos entre os leitores adolescentes continuou a crescer e as tiragens das revistas tornaram-se cada vez mais altas, levando parte

da sociedade norte-americana a ficar preocupada com a enorme influência exercida sobre jovens leitores. De maneira geral, os adultos se recusavam a acreditar que, por possuírem objetivos essencialmente comerciais, os quadrinhos pudessem também contribuir para o aprimoramento cultural e moral, jovens leitores, até porque os quadrinhos da época eram criados com alto grau de violência. Criou-se assim, um ambiente de desconfiança em relação aos quadrinhos. Diante disso, Rama (2012) lembra que:

Frederic Wertham, psiquiatra alemão radicado nos Estados Unidos, encontrou espaço privilegiado para uma campanha de alerta contra os pretensos malefícios que a leitura de histórias em quadrinhos poderia trazer aos adolescentes norte-americanos. Baseado nos atendimentos que fazia de jovens problemáticos, o Dr. Wertham passou a publicar artigos em jornais e revistas especializadas, ministrar palestras em escolas, participar de programas de rádio e tevê, nos quais sempre salientava os aspectos negativos dos quadrinhos e sua leitura. (RAMA, 2012, p.10)

Insatisfeito com suas investidas contra os quadrinhos, Frederick Wertham reuniu suas observações em um livro denominado *A sedução dos Inocentes* [*The seduction of the innocent*] publicado em 1954, que foi um grande sucesso de público e marcou durante décadas, uma visão distorcida dos quadrinhos. Ainda sobre este livro Rama (2012, p. 11), afirma que:

Entre outras teses, o livro defendia, por exemplo, que a leitura das histórias do Batman poderia levar os leitores ao homossexualismo, na medida em que esse herói e seu companheiro Robin representavam o sonho de dois homossexuais vivendo juntos. Ou que o contato prolongado com as histórias do Superman poderia levar uma criança a se atirar pela janela de seu apartamento, buscando imitar o herói. (RAMA, 2012, p. 11)

O livro de Wertham causou tanto impacto na sociedade que não tardou para que todos os produtos da indústria dos quadrinhos passassem a ser considerados como nocivos (inclusive os mais inocentes), exigindo uma vigilância rigorosa por parte da sociedade, instigada pelos pais e educadores. Segundo Rama (2012, p.12), para minimizar os impactos causados por essa publicação de Wertham, a seguinte providência foi tomada:

[...] na década de 1940 alguns editores norte-americanos reunidos na Association of Comics Magazine já haviam elaborado uma primeira proposta para depuração das publicações da indústria dos quadrinhos, um Comics Code, que visava garantir a pais e educadores que o conteúdo das

revistas não iria prejudicar o desenvolvimento moral e intelectual de seus filhos e alunos. (RAMA, 2012, p.12)

Como consequência, registrou-se o desaparecimento de várias histórias em quadrinhos e de suas respectivas editoras e posteriormente a mediocridade na produção, veiculando em sua maioria histórias sem grande criatividade, que nada contribuía para os leitores. No entanto, os leitores adolescentes continuavam lendo escondido dos pais e professores essas Histórias em Quadrinhos, publicadas pelo mercado paralelo, consideradas proibidas na época.

1.3 A recuperação da produção de HQs

A década de 1960 marcou a recuperação do mercado dos quadrinhos. Isso aconteceu por vários motivos. O código de ética, que previa menos violência já estava em vigor há algum tempo. A perseguição da justiça americana já estava em baixa e as editoras lançaram heróis com características mais humanas e filosóficas, com dramas psicológicos e problemas cotidianos.

Com a instauração desse código de ética para as HQs, vários países como Brasil, França e Inglaterra criaram um código próprio e a rejeição dos quadrinhos chegou a um ponto que todos os problemas de aprendizado passaram a ser associados à leitura deste gênero.

De uma maneira geral, durante os anos que se seguiam à malfadada campanha de difamação contra elas, as histórias em quadrinhos quase tornaram-se responsáveis por todos os males do mundo, inimigas do ensino e do aprendizado, corruptas das inocentes mentes de seus indefesos leitores. Portanto, qualquer ideia de aproveitamento da linguagem dos quadrinhos em ambiente escolar seria, à época, considerada insanidade. (RAMA, 2012, p.15)

As maiores aversões às HQs vieram por parte de pais, professores e padres, mas isso não impediu que os jovens permanecessem com fiéis leitores. Anos depois o preconceito contra as HQs começou a se desfazer com o desenvolvimento das Ciências da Comunicação e dos Estudos Culturais, conforme observa Rama:

O desenvolvimento das ciências da comunicação e dos estudos culturais, principalmente nas últimas décadas do século XX, fez com que os meios de comunicação passassem a ser encarados de maneira menos apocalíptica,

procurando-se analisá-los em sua especificidade e compreender melhor o seu impacto na sociedade. (RAMA, 2012, p.15)

De fato, estudar a fundo e comprovar os benefícios dos quadrinhos ajudou muito na sua reinserção e desmistificação na sociedade e na escola. A partir de então educadores e pais voltaram-se novamente ao gênero, afastando o preconceito que havia se estabelecido, transformando a rejeição em afeição. Segundo Rama,

[...] ficou mais fácil para as histórias em quadrinhos, tal como aconteceu com a literatura policial e a ficção científica, serem encaradas em sua especificidade narrativa, analisadas sob uma ótica própria e mais positiva. Isto também, é claro, favoreceu a aproximação das histórias em quadrinhos das práticas pedagógicas. (RAMA, 2012, p. 15)

Desfeita a ideia de que as HQs eram má influência para os jovens, começaram a surgir as primeiras revistas de caráter educacional publicadas nos Estados Unidos, tais como *True Comics*, *Real Life Comics* e *Real Fact Comics*, editadas durante a década de 1940, contendo antologias de HQs sobre personagens famosos da história, figuras literárias e eventos históricos.

Ainda nesta época surgiram os primeiros clássicos ilustrados que procuravam aproximar as HQs das grandes obras literárias como *Os Miseráveis*, *Romeu e Julieta* e outros.

A inclusão das HQs nos materiais didáticos começou de forma bem restrita, pois, temia-se muito a resistência por parte das escolas. Segundo Rama (2012, p.18); “inicialmente elas eram utilizadas para ilustrar aspectos específicos das matérias que antes eram explicados por um texto escrito”.

Portanto, podemos concluir que as HQs tiveram um momento de baixa e posteriormente atingiram o auge graças ao empenho de pesquisadores e dos próprios produtores que puderam comprovar seus benefícios para a formação leitora dos jovens.

1.4 Histórias em Quadrinhos no Brasil

Alguns estudiosos atribuem o crédito pela invenção do gênero HQ ao cartunista ítalo-brasileiro Angelo Agostini, que escreveu em 1869 (muito antes de *The Yellow Kid*), *As aventuras de Nhô Quim ou Impressões de uma viagem à Corte*, alegando que, como as falas

em Yellow Kid eram escritas em sua túnica, não configurava assim os autênticos balões de fala que conhecemos hoje.

De acordo com Athos Eichler Cardoso, “a temática e os traços de [*As Aventuras de Nhô Quim*], comparados à produção europeia, pouco têm de original” (CARDOSO, 2002 p. 23), por isso, o pioneirismo de Angelo Agostini na criação da primeira HQ, infelizmente é pouco (re)conhecido dentro e fora do Brasil. Conforme relata Gilberto Maringoli de Oliveira, na apresentação de sua tese sobre a vida e a obra de Agostini:

No início daquele ano [1984], um grupo de intelectuais, membros da Academia Brasileira de Letras, resolvera prestar uma homenagem a um dos mais antigos editores brasileiros em atividade, Adolfo Aizen (1907-1991), proprietário da Editora Brasil-América, do Rio de Janeiro. Aizen lançara, em 14 de março de 1934, um jornal totalmente voltado para as histórias em quadrinhos, o *Suplemento Infantil* (posteriormente *Suplemento Juvenil*) (...). A homenagem planejada pelos acadêmicos se materializaria na apresentação de um projeto de lei, ao Congresso Nacional, instituindo o dia 14 de março como o Dia das Histórias em Quadrinhos, em alusão ao cinquentenário do *Suplemento Juvenil*. A justificativa era de que a data marcaria a primeira publicação de histórias em quadrinhos no Brasil. (OLIVEIRA, 2006, p.10).

As Histórias em Quadrinhos nacionais começaram a surgir com o lançamento da revista *O Tico-Tico* (1905). Mas, vale lembrar que os quadrinhos brasileiros foram em grande parte copiados dos *Comics* norte-americanos. Tanto que a escritora adepta ao gênero, Zilma Anselmo (1975), apesar de reconhecer que “a tradição de revistas em quadrinhos no Brasil teve início no princípio do século com O Tico-Tico [...]” (p. 67), não se desvincula integralmente da linha de pensamento expressa na citação anterior, uma vez que: “Não existe no Brasil uma linha autenticamente nacional de desenvolvimento de HQ, sendo a importação responsável pela introdução das HQ neste país” (ANSELMO, 1975, p. 64).

Segundo Gomes (2012), ao lançar *O Suplemento Juvenil*, Adolfo Aizen introduz no Brasil as HQs americanas:

Na década de 1930, o editor Adolf Aizen, inspirado pelos Sundays (caderno de quadrinhos encartados na edição dominical dos jornais norte-americanos), lançou, em 1934, o suplemento infantil, que vinha junto com o jornal carioca A Nação. O sucesso foi tanto que, a partir do número 16, já com o nome alterado para suplemento juvenil, passou a ser vendido separado do jornal. (GOMES, 2012 p.08)

Porém, a produção brasileira não deixou a desejar, pois desde o início contou com artistas como Ziraldo e Maurício de Souza. Com Ziraldo, destacamos sucesso entre o público infanto-juvenil, confirmado pelas observações de Cademartori (1994):

Extraordinário fenômeno de recepção constitui-se *O menino maluquinho* de Ziraldo. E, sem dúvida, um dos fatores do sucesso é a adesão do pequeno leitor à personagem título uma criança travessa cujas traquinagens são perfeitamente aceitas. O menino maluquinho é amado exatamente como é. (CADEMARTORI, 1994, p.59)

Maurício de Sousa é atualmente o maior nome dos quadrinhos nacionais. Foi o único a viver exclusivamente dos lucros de suas publicações. *A Turma da Mônica* é o maior sucesso do ramo no país, de todos os tempos. Virou linha de produtos que vai desde sandálias, a macarrões, passando por material escolar, roupas, etc; e a cada dia essa linha de produtos vem sendo renovada e aumentada como novidades como as HQs da *Turma da Mônica Jovem* voltadas para o público adolescente que antes liam os gibis infantis.

Não podemos nos esquecer que os quadrinhos norte-americanos com personagens da *Disney* também fizeram sucesso no Brasil tanto que os quadrinistas da Disney criaram um personagem especialmente para o Brasil, o conhecido Zé Carioca.

CAPÍTULO II

AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA ESCOLA

É difícil encontrar um adulto que não tenha tido contato com gibis na infância; muitos até aprenderam a ler com esses divertidos textos e dividiram momentos importantes da vida acompanhados da Turma da Mônica, dos personagens da Disney e de grandes super-heróis.

As Histórias em Quadrinhos fizeram e fazem parte da alfabetização e da formação de muitos leitores nas séries iniciais. Anderson Moço (2009, p18) diz que: “É muito bom ter a escola invadida pelos gêneros textuais, mas é importante que o professor e a escola não trabalhem apenas suas características nem tampouco sua leitura”. É importante explorar a afetividade e adequar o conteúdo à faixa etária em questão, relacionando os textos à realidade dos alunos; ter como foco a formação de leitores e escritores que possam se expressar.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) citam as histórias em quadrinhos como um texto adequado para se trabalhar a linguagem escrita, mas não instiga o professor, sujeito-facilitador, no processo de aprendizagem a preocupar-se mais com esse gênero e nem fornece alternativas viáveis para o trabalho com eles. Isso faz com que os professores, muitas vezes, trabalhem o gênero HQs de forma superficial e ineficaz com seus alunos. Neste sentido, Mendonça afirma que:

Apesar de serem muito relevantes, as histórias em quadrinhos ainda são negligenciadas na escola, e também não alcançaram o gosto dos acadêmicos para a realização de pesquisas sobre esse gênero textual. Por possuírem os elementos humor e entretenimento muito presentes em sua estrutura e maneira de expressão verbal, as HQs foram “rebaixadas” aos adultos com “baixo grau de letramento” e “às crianças em fase de aquisição da linguagem.” (MENDONÇA, 2007, p. 202).

No entanto, essa ideia de que as histórias em quadrinhos são irrelevantes para educação vem diminuindo. Prova disso, são as adaptações dos clássicos para esse gênero. Estas adaptações dão oportunidade aos leitores iniciantes a se interessarem em conhecer um pouco da obra principal e, a partir da adaptação, de serem instigados a ler a obra inteira, pois a HQ não comporta todas as informações do livro original. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) trazem como um dos objetivos gerais do Ensino Fundamental:

Utilizar as diferentes linguagens – verbal, matemática, gráfica, plástica e corporal – como meio para produzir, expressar e comunicar ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação; (BRASIL, 1997, p. 8)

De fato, hoje, para estabelecer comunicação, para se informar e interagir com a sociedade, o sujeito deve ser capaz de ler o mundo e suas múltiplas linguagens, sejam elas escritas, visuais ou sonoras. Mas não podemos nos esquecer de sua função na formação de leitores: “Sabe-se que para formar leitores é necessário que estes sejam capazes de interpretar e compreender o que é lido, identificando ainda os elementos que se encontram nas entrelinhas, seja dos textos, seja de imagens” (PCN, 1997). A leitura, portanto, deve ser uma prática constante e que deve acontecer dentro e fora da sala de aula, ou melhor, em todo formato em que caiba a formação de sentidos. Formar um leitor (competente) é formar alguém capaz de compreender o que lê, de admitir que em um mesmo texto podemos atribuir vários sentidos, de perceber mesmo o que não está escrito e, além disso, de estabelecer relações com leituras anteriores, incitando o espírito crítico.

Didier Quella Guyot (1994, p.44), definiu as HQs como um; “vulgar fast-food do imaginário”. É fato que nos quadrinhos há uma escassez de palavras no que diz respeito à caracterização da fala dos personagens e do narrador. A alta quantidade de informação dos signos visuais, no entanto, quando aliada aos textos verbais dos quadrinhos não compromete a leitura e a interpretação, pelo contrário, faz com que se complementem, reforçando a ideia de que um comporta o outro e permite que o leitor preencha as lacunas do texto resultante, no papel de leitor ativo.

Cada imagem dos quadrinhos forma um complexo conjunto de relações que se entrecruzam com o verbal. Desta forma, as histórias em quadrinhos não podem ser julgadas, pelo contrário, devem ser valorizadas como qualquer outro gênero, pois, contribuem com a formação do indivíduo desde sua iniciação como leitor.

2.1 No conteúdo dos Referenciais Curriculares de MS

No conteúdo dos Referenciais Curriculares de Mato Grosso do Sul, as Histórias em Quadrinhos são tratadas de forma implícita, superficial e não trazem ao professor metodologias de trabalho com este gênero. Nesta pesquisa, separamos parte do referencial do

ensino fundamental; trecho que traz as competências e habilidades a serem desenvolvidas pelos oitavos anos (turma escolhida para aplicação da oficina “cada um no seu quadrinho”), com o ensino de Língua Portuguesa. O texto em questão não faz menção especificamente aos quadrinhos e tampouco mostra como se trabalhar com estes. Trata apenas de habilidades que poderiam ser desenvolvidas a partir do uso das HQs como material didático pelo professor.

Para o primeiro bimestre, o referencial curricular sugere como prática de leitura a “interpretação de texto com ou sem auxílio de materiais gráficos diversos, relação entre recursos: verbal/ não verbal” (MATO GROSSO DO SUL, 2012, p.114). Neste trecho, podemos inferir que o professor pode trabalhar também o gênero HQ, no entanto, isso não vem especificado por se tratar de uma abordagem geral. Cabe ao professor diversificar suas formas de trabalhar e tentar trazer ao aluno o maior número de textos para a ampliação de possibilidades de transmissão do conteúdo.

Na orientação do segundo bimestre, o material apresenta poucas atividades em que possa ser trabalhado o gênero das HQs. No quesito produção de texto, temos no item “caracterização de tipos e gêneros textuais” (p.116), a indicação de que o professor tem a oportunidade de trabalhar as características do gênero HQ, no entanto, o termo gênero aparece em sentido *lato* e fica difícil saber como e quando trabalhar com determinado gênero e a quais despender mais atenção.

As orientações que o professor deve seguir no terceiro bimestre, no item “Prática de leitura” traz o seguinte texto: trabalhar com “informações implícitas e explícitas no texto”, (MATO GROSSO DO SUL, 2012, p.117). Nessa competência, se o professor estiver disposto a novas possibilidades, concentra-se a grande oportunidade de trabalho com as HQs, pois se trata de um tipo de leitura que possibilita liberdade na produção de sentidos que podem ser explorados junto com os alunos. No entanto, voltamos a ressaltar que o texto do referencial não apresenta metodologias específicas e nem sugestões de como se trabalhar, deixando o professor muitas vezes sem suporte para desenvolver seu trabalho.

Para o quarto bimestre o Referencial apresenta, muito timidamente, como prática de leitura a recorrência a uma “linguagem irônica e humorística” (MATO GROSSO DO SUL, 2012, p.119) e sugere um trabalho para “perceber a ironia implícita no gênero de humor” (p.120), certamente fazendo alusão às HQs. No entanto, não se pode considerar esse gênero como mero “passatempo humorístico”, pois as HQs não servem somente para divertir o leitor. Explorada nos mínimos detalhes, temos nesse gênero a oportunidade de experienciar diversos

tipos de aprendizados, podendo tirar dos leitores desde risos até posturas críticas diante de situações vivenciadas pelos personagens. As HQs, sem dúvida, podem ser relacionadas com a realidade do aluno. Cabe ao professor, explorar esse gênero das mais diversas formas, pois o referencial traz de forma extremamente condensada e subjetiva as práticas que devem ser realizadas em sala.

2.2 Na Escola Cel. Rufino

Diante de algumas pesquisas dentro da Escola Cel. Rufino, constatamos que apesar dos professores trabalharem com o gênero Histórias em Quadrinhos durante as aulas, não havia nenhum projeto específico que trabalhasse com este gênero até então. Foram feitas algumas visitas à biblioteca da escola em questão, onde encontramos um acervo considerável de HQs, reunido em gibis infantis, clássicos da literatura em HQ e algumas Histórias em Quadrinhos de autores conhecidos, como Ziraldo e Maurício de Souza. No entanto, apesar de encontrarmos um bom acervo na biblioteca, a maior parte das HQs destinava-se ao ensino médio, ao público infantil (1º ao 5º ano) e EJA. Havia pouco material direcionado para o ensino fundamental.

Diante disso, propusemos à coordenação da escola uma campanha de arrecadação para a formação de uma “Gibiteca Escolar”. Nesta ação, os próprios alunos fariam doações de HQs para a biblioteca, podendo tomar empréstimos quando quisessem. Desta forma os alunos poderiam contribuir positivamente para tornar o gênero das HQs mais acessível e ainda incentivar e valorizar a leitura dentro da escola. Até o período de finalização de nossa pesquisa, obtivemos a informação de que a proposta ainda estava em andamento.

2.3 HQs e o Letramento Literário

O uso da palavra letramento é muito recente na língua portuguesa. Segundo Soares; “[...] a palavra letramento apareceu pela primeira vez no livro de Mary Kato: No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística, de 1986: p. 07” (SOARES, 2010, p.32). Este termo vem da palavra da língua inglesa “*Literacy*”, que significa a condição de ser letrado. No entanto, precisamos saber que ser letrado não é simplesmente conhecer o alfabeto e usá-lo para ler e escrever, mas sim, reconhecer-se como produtor e disseminador de conhecimento numa sociedade, como confirma Soares (2010, p.36): “Ser letrado é fazer uso da leitura e

escrita, e as envolver nas práticas sociais de leitura e escrita”.

Cosson (2011, p. 11-12), concorda com Soares nesta definição e busca evidenciar que dentro do letramento há uma ramificação que o divide em diversos tipos: “Há, portanto, vários níveis e diferentes tipos de letramento. Em uma sociedade essencialmente letrada como a nossa, mesmo um analfabeto tem participação, ainda que de modo precário, em algum processo de letramento”. De fato, alguém pode ter bom nível conhecimento em uma determinada área e em outra possuir pouco conhecimento, tudo vai depender do que a sociedade exige como essencial.

Diante dos diversos níveis e tipos de letramentos, trataremos aqui do Letramento Literário, princípio fundamental que embasa nossa pesquisa com as HQs. Frente às definições de letramento, Cosson (2011, p. 12) traz sua própria concepção na caracterização do processo de Letramento Literário: “[...] o processo de letramento que se faz via textos literários compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, e sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio”.

Depreende-se dessa informação que, o Letramento Literário tem como objetivo formar uma comunidade de leitores autônomos e que tenham o livro e a leitura deste como parte de suas vivências sociais. Seguindo essa ideia, o objetivo de nosso trabalho com o gênero HQs foi incentivar a leitura através de Clássicos da literatura adaptados para os quadrinhos, a fim de cativar o leitor apresentando-lhe um formato diferenciado e convidativo.

Nossa oficina “Cada Um no Seu Quadrinho” foi criada a partir das concepções de Rildo Cosson (2011, p.13) sobre o letramento literário, mais precisamente nas ideias presentes na terceira parte do livro *Letramento literário: teoria e prática*, de sua autoria, no qual encontramos a seguinte proposta: “[...] faremos uma reflexão sobre o desafio de se trabalhar com o diferente em uma escola que resiste a mudanças e também trataremos propostas de oficinas para o professor adaptar em seu trabalho com o letramento literário”, e, no próximo capítulo desta pesquisa faremos o relato dessa experiência.

CAPÍTULO III

RELATO DA EXPERIÊNCIA VIVIDA NA ESCOLA ESTADUAL CORONEL PEDRO JOSÉ RUFINO COM AS HQS E O PIBID

Neste capítulo faremos o relato da experiência proporcionada pelo PIBID, Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, do qual participamos como Bolsista pelo Subprojeto UEMS/Letras/Jardim, durante 01 ano e 03 meses. O referido subprojeto, desenvolvido na Escola Estadual Cel. Pedro José Rufino, no município de Jardim MS, proporcionou o trabalho com diferentes oficinas de leitura envolvendo gêneros textuais como a Poesia, o Conto, o Teatro, as Lendas e as Histórias em Quadrinhos. Estas oficinas aconteceram uma vez por semana e foram elaboradas a partir das reuniões semanais com a Coordenadora e a Supervisora do referido Subprojeto. No contexto destas atividades, fomos convidados a participar de maneira atuante na escola. Durante tal iniciativa, em horário de contraturno, passamos a realizar as pequenas oficinas com Histórias em Quadrinhos que foram direcionadas aos alunos do ensino fundamental, sob nossa responsabilidade como bolsistas em parceria com a acadêmica do 2º ano do curso de Letras, Viviane Leite, também bolsista deste projeto.

A partir de temas ligados ao Letramento Literário, princípio fundamental do Subprojeto Letras/Jardim, as Histórias em Quadrinhos nos chamaram atenção por suas diferentes concepções, como as apontadas por Fanny Abramovich (1995, p. 158):

Afinal, as histórias em quadrinhos envolvem toda uma concepção de desenhos, de humor, de ritmo acelerado, de intervenção rápida das personagens nas situações com as quais se defrontam [...] Contêm algo de conciso, vertiginoso, quase cinematográfico [...]. (ABRAMOVICH, 1995, p. 158)

Nesse sentido, os quadrinhos são capazes de apresentar finalidades instrutivas se forem entendidos como um veículo de aprendizagem, pois abordam assuntos e noções diversificados. Seus efeitos e benefícios podem abranger uma variedade múltipla, influenciando a estrutura mental da criança de maneira diferente da que ocorre com os conhecimentos mecânicos, formais e fragmentados. Isso porque, para estabelecer comunicação, para se informar e interagir com a sociedade, o sujeito deve ser capaz de ler o

mundo e suas múltiplas linguagens, sejam elas escritas, visuais ou sonoras.

Outro aspecto que nos motivou ao trabalho com o gênero Histórias em Quadrinhos foi o fato de lidar com um gênero que foi durante muito tempo negligenciado na escola, e que hoje ocupam importante papel na alfabetização e na formação de leitores, desde as séries iniciais.

Historicamente, como já abordamos no capítulo I, os quadrinhos foram tratados pela sociedade como subliteratura e, ainda mais, como linguagem nociva ao desenvolvimento psicológico e cognitivo de quem os lessem. Essa visão decorre de argumentos infundados sobre a influência dos quadrinhos, tanto na delinquência juvenil, como no desinteresse das crianças e jovens pela leitura.

Na verdade, o que de fato aconteceu foi que a partir do momento em que começaram a surgir HQs com temas de violência, sexo e com tom sombrio, os pais começaram a achar que todos os tipos de HQs não eram boas para seus filhos. Isso foi se desfazendo quando os artistas de quadrinhos começaram a produzir HQs de caráter mais pedagógico, inserindo os quadrinhos nos conteúdos a serem transmitidos para os alunos.

Considerando a reinserção das Histórias em Quadrinhos no contexto escolar, com a aprovação da Coordenadora do PIBID/Letras/Jardim e apoio da Supervisora, passamos a elaborar os primeiros passos daquilo que mais tarde foi transformado na Oficina “Cada Um no Seu Quadrinho”, preparada para as turmas “A” e “B” do oitavo ano na escola já mencionada.

3.1 Cada Um no Seu Quadrinho

A oficina de leitura “Cada Um no Seu Quadrinho” foi desenvolvida com o objetivo principal de formar leitores competentes e críticos, valorizar a leitura dos quadrinhos na escola e incentivar a leitura em geral. Nossa primeira ação na elaboração da oficina foi fazer uma catalogação das HQs existentes na biblioteca da escola e avaliar a indicação etária dos títulos existentes. Do conjunto encontrado, selecionamos os que seriam adequados à turma do ensino fundamental a ser atendida por nossa Oficina.

O critério de seleção dessas obras foi baseado nas concepções do Letramento Literário de Rildo Cosson: “O letramento literário trabalhará sempre com o atual, seja ele contemporâneo ou não” (COSSON, 2011, p.34). Cosson ainda completa dizendo que, em síntese;

[...] o professor não deve desprezar o cânone, pois é nele que encontrará a herança cultural de sua comunidade. Também não pode se apoiar apenas na contemporaneidade dos textos, mas sim na sua atualidade. Do mesmo modo, precisa aplicar o princípio da diversidade, entendido para além da simples diferença entre os textos, como a busca da discrepância entre o conhecido e o desconhecido, o simples e o complexo [...] o novo e o velho, o trivial e o estético, e toda miríade de textos que faz da leitura literária uma atividade de prazer e de conhecimentos singulares. (COSSON, 2011, p. 35-36)

De fato, ao nos depararmos com a literatura no processo de letramento, devemos considerar que os Clássicos têm grande importância por guardar parte da nossa identidade cultural, e assim como textos de autores contemporâneos, não podem deixar de ser conhecidos e lidos pelos alunos. Na seleção de textos a serem oferecidos na escola o professor não deve privilegiar somente a leitura dos clássicos, e sim apresentar todos os tipos de gêneros textuais. A proposta de leitura deve ser difusa, visando um conhecimento amplo e diversificado ao aluno.

Considerando essa advertência do letramento literário, antes do início de nossa oficina, nos disponibilizamos à seleção das obras a serem lidas e do conjunto final destacamos os seguintes clássicos da literatura adaptados para os quadrinhos: *O Cortiço*, *Triste fim de Policarpo Quaresma*, *Dom Quixote*, *Alice no país das maravilhas*, *Memórias de um sargento de milícias* entre outros encontrados no acervo da escola. Na construção de nosso objeto de trabalho, a esta seleção foram somadas algumas HQs já conhecidas pelos alunos, disponíveis nas bancas convencionais e até mesmo na internet, contando histórias da Turma da Mônica, do Cascão e do Chico Bento, personagens criados por Maurício de Souza.

As oficinas foram desenvolvidas de abril a julho de 2013, com duração de 11 semanas, as segundas-feiras, totalizando 10 encontros que aqui serão relatados com a finalidade de mostrar, que a leitura de histórias em quadrinhos também ajuda na formação de leitores críticos, e serve como ponto de partida para que o aluno tome gosto pela leitura. Passaremos então, ao relato destas atividades, baseadas teoricamente nos livros: *Letramento literário: teoria e prática* de Rildo Cosson (2011), *Dinâmicas de leitura para a sala de aula* de Mary Rangel (1990), e *Como usar Histórias em Quadrinhos na sala de aula* de Ângela Rama (2012).

Semana 1 – 01 abr. 2013

Na primeira semana, realizamos as inscrições e a apresentação do projeto e seus objetivos. Do conjunto dos alunos da série escolhida (oitavo ano do Ensino fundamental) foi

possível formar um grupo de 12 alunos das turmas A e B. Eles estavam muito entusiasmados para começar as atividades, pois durante as inscrições, ao informá-los de que trabalharíamos com as HQs, estes alunos se manifestaram dizendo que gostavam muito de quadrinhos. Diante disso, questionamos o que mais chamava a atenção deles nos quadrinhos: uns disseram que eram as imagens cheia de ação e aventura, e outros se manifestaram a favor da característica engraçada das HQs. Nesse sentido, podemos perceber que uma leitura com diferentes linguagens (verbal e não verbal), como a dos quadrinhos, cativa a atenção do aluno fazendo-o descobrir os sentidos mais implícitos do texto.

Semana 2 – 08 abr. 2013

Neste encontro, fizemos a leitura de uma HQ criada em 2003, retirada do site de Maurício de Souza, intitulada: “Primo da cidade, aniversário no sítio”. Nesta narrativa, o personagem Chico Bento oferece uma festa de aniversário na sua casa, na roça, e convida seu primo da cidade. Chegando na fazenda, o primo da cidade só encontra comidas típicas da roça e se recusa a comer; Chico Bento vai conversando com ele e convencendo-o a pelo menos experimentar. No último quadrinho, o primo come e se sente muito satisfeito. Após a leitura, fizemos uma descrição dos personagens principais, e em seguida, foram levantadas algumas discussões acerca do tema preconceito linguístico e cultural. Nesta discussão os alunos foram dando suas opiniões e concordando entre si que a diversidade linguística deve ser respeitada. Houve participação e envolvimento dos alunos por meio de comentários e opiniões acerca do tema. Alguns alunos se identificaram bastante com o personagem do Chico Bento por também morar na zona rural e reconhecer em Chico um retrato de sua realidade. Para Cosson (2011, p. 17) “na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos”. Isso se confirma com a identificação dos alunos com o personagem Chico Bento quanto ao espaço em que mora (na fazenda). O espaço de leitura escolhido para esta oficina foi uma sala cedida pela coordenação. Como ponto positivo, destacamos o interesse dos alunos por leituras mais complexas e para incentivá-los, orientamos sobre o empréstimo de livros da biblioteca.

Semana 3 – 15 abr. 2013

Nesta semana, iniciamos nosso trabalho falando aos alunos um pouco sobre os Clássicos Literários em Quadrinhos. Enfatizamos que na biblioteca da escola existem vários destes clássicos que podem ser emprestados e, ressaltamos ainda, que há algumas diferenças entre o quadrinho e a versão original de um livro literário, portanto, é recomendável ler as diferentes versões. Em seguida, apresentamos o Clássico brasileiro de Aluísio de Azevedo *O Cortiço* na versão em quadrinhos, adaptado por Rodrigo Rosa. O texto narra a história de um homem muito ganancioso chamado João Romão que se casou com a escrava fugida de nome Bertoleza, para se tornar dono de seu único bem, um boteco. João Romão vivia enganando as pessoas e com isso foi construindo um cortiço que aumentava a cada dia. A ganância era tanta que ele chegou ao ponto de denunciar sua esposa ao seu antigo dono. Bertoleza não suportando tanta ingratidão pegou uma faca, desferiu um golpe no peito e morreu. Após a leitura da adaptação, a temática sobre a escravidão proporcionou uma discussão entre os participantes. Os alunos mostraram-se interessados com a história e cada um comentou a parte que mais chamou sua atenção, tanto sobre os personagens quanto suas atitudes. As discussões resultantes de leitura prévia instigam a criticidade dos alunos e servem como motivação para a busca de novos conhecimentos. Isto pode ser comprovado pelo relato de uma das alunas aqui reproduzido: “Eu nunca tinha pegado um livro na biblioteca, mas com o projeto procurei ler mais (revistas, livros, gibis etc.). Agora na aula quando a professora faz uma pergunta sobre os textos eu sou a primeira a responder. Eu também me diverti muito com as histórias em quadrinhos lidas no projeto. Não queria que acabasse. Antes eu gostaria de ser engenheira civil agora estou pensando até em ser escritora”. (Raíssa 13, anos 8º B). Nesta discussão procuramos mostrar também, como foi o crescimento do Brasil na época em que a narrativa original foi escrita, explicando que a partir dos cortiços surgiram as favelas de hoje. Nesta oportunidade foi possível abordar também a questão do tráfico humano e o problema do crescimento demográfico desorganizado, o que deu espaço para a interdisciplinaridade entre história, literatura e geografia numa só oficina, proporcionada a partir de uma HQ.

Semana 4 – 22 abr. 2013

Nesta semana, fizemos a leitura de uma história em quadrinhos da *Turma da Mônica Jovem*, que abordava o tema *bullyng*. Após a leitura, cada aluno deu a sua opinião sobre a temática e a partir de suas próprias experiências, definiu a prática do *bullyng*. Na sequência,

exibimos algumas imagens sobre o tema e perguntamos se eles já haviam sofrido de alguma forma com essa prática. Alguns disseram que sim e se identificaram com a personagem que sofria pelos apelidos que lhe atribuíam por ser gordinha. Os alunos gostaram muito da leitura e se aproximaram da temática em questão porque o tema faz parte da realidade deles. Essa realidade, diz respeito às práticas preconceituosas que acontecem, muitas vezes dentro da própria escola ocasionando experiências que marcam muito. No final da oficina, buscamos mostrar através dessa leitura que ninguém é igual e que devemos ter respeito pelas diferenças. Cosson (2011, p.20) afirma que: “a literatura serve tanto para ensinar a ler e a escrever quanto para formar culturalmente o indivíduo”. Isso porque ao reconhecer que a prática do *bullying* é algo que deve ser banida da escola o aluno acaba por ampliar a cultura do respeito.

Semana 5 – 06 maio 2013

Neste encontro, foi feita a apresentação do acervo em quadrinhos selecionados da biblioteca da escola e pedimos que os alunos escolhessem um dos livros para leitura individual. Foi uma leitura silenciosa e entusiasmada, pois, tratava de temas atraentes a esta faixa etária. Ao final da leitura cada aluno fez um breve relato do enredo de sua história em quadrinho e o que lhe chamou mais atenção. Percebemos neste encontro que os alunos se encantaram com a leitura que foi numa linguagem fácil. Esta oficina foi baseada na Dinâmica de número quatorze – “Explique o que foi lido”(RANGEL, 1990, p.39). Nesse sentido, é possível perceber que as HQs prendem a atenção do aluno não só pelo seu caráter lúdico, mas também pelas temáticas direcionadas que elas trazem e que incitam os alunos a dar suas opiniões. A seguir temos uma imagem dos alunos participando desta oficina.



FIGURA 1.1 Roda de leitura dos alunos na Escola Estadual Coronel Pedro José Rufino de Jardim-MS, 2013 (acervo pessoal).

Semana 6 – 20 maio 2013

Neste dia, fizemos a leitura da obra *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carroll, adaptada para HQ por Lewis Helfand. Nesta oportunidade, iniciamos com a motivação dos alunos por meio da apresentação das principais características das HQs, que em sua apresentação particular são compostas por balões diversificados, onomatopéias e uma sequência de leitura diferenciada. Para Cosson (2011, p. 54): “O sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende de boa motivação”. Usamos a oficina para falar dos quadrinhos formato técnico dando ênfase no conhecimento estrutural do gênero HQ. Pela expressão dos alunos de muita concentração e por vezes risos, a leitura estava muito cativante e prazerosa. O ponto destacado foi a característica do lúdico presente na narrativa em questão.

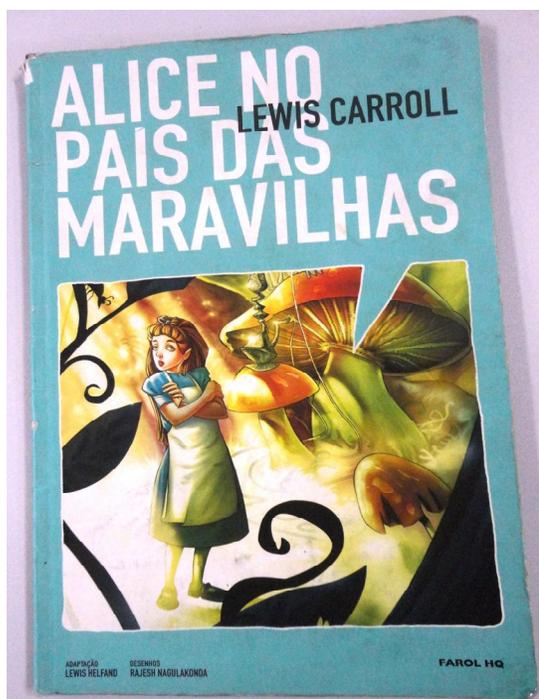


FIGURA 1.2 Imagem do livro utilizado na oficina “Cada um no seu quadrinho”.

Semana 7 – 27 jun. 2013

O texto da leitura anterior, *Alice no país das maravilhas*, é um clássico que há décadas encanta crianças de todo o mundo por ser uma história repleta de fantasia e de aventura. A narrativa começa com Alice à sombra de uma árvore ouvindo sua irmã ler uma história, de repente a menina vê um coelho apressado e resolve segui-lo. A partir desse momento tudo começa a acontecer de maneira que nada fazia sentido, pois Alice estava no País das Maravilhas. Ao longo da história ela vive muitas aventuras e perigos até descobrir que tudo não passava de um sonho. A oficina iniciou-se com a recapitulação da história de Alice, lida na semana anterior. A discussão foi sendo conduzida de forma que cada aluno fez um breve relato da parte que mais gostou. Como afirma Cosson (2011, p.66) que: “[...] por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura”. Por meio dos comentários, foi possível ver que os alunos gostaram muito da história em quadrinhos em questão e de fato viajaram no mundo da fantasia com Alice por meio da leitura, se colocando muitas vezes no lugar da personagem para viver todas as aventuras. Essa

oficina foi muito produtiva, pois, começamos também a relacionar a HQ com um filme de “Alice no País das Maravilhas” e como requisito final do projeto propomos a leitura da obra original. A leitura literária deve levar o aluno à experiência estética da palavra, ser uma leitura de fruição dos mais diversos sentimentos e emoções, como afirma Silveira (2005, p. 16): “A leitura escolar deve contemplar o aspecto formativo de educando, estimulando-lhe a sensibilidade estética, a emoção, o sentimento [...]”. Sendo assim, o aluno pode sentir na pele como foi a experiência do personagem e através de sua bagagem literária relacionar com outras formas de representação de um mesmo texto.

Semana 8 – 10 jun. 2013

De acordo do planejamento mensal das oficinas, neste encontro fizemos a leitura da HQ *Palmares* de Eduardo Vetillo. Essa leitura só foi possível através de cópias do livro, pois, só havia um exemplar no acervo da escola, no entanto, isso não constituiu um aspecto negativo para nosso trabalho, visto que algumas histórias em quadrinhos são impressas em preto e branco. Após a leitura cada aluno falou um pouco do que tratava a história e então tomamos proveito das opiniões dos alunos para conduzirmos a uma discussão sobre a temática do tráfico de pessoas nos dias atuais. Cosson (2011, p.30) nos diz que “é justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo”. Isso significa que devemos conduzir o aluno a exteriorizar suas opiniões a fim de chegarmos à sua formação crítica. Houve grande interesse dos alunos pela discussão, pois, nesse período o assunto estava em foco na mídia, e assim pudemos ter grande êxito e envolvimento dos alunos. Após as discussões, projetamos algumas imagens ilustrando o tráfico humano, e fornecemos algumas informações sobre o assunto para que os alunos tomassem conhecimento, trocassem opiniões e refletissem sobre o tema. Foi possível perceber o envolvimento de todos e acreditamos que nossos objetivos foram alcançados. A seguir, uma imagem dos alunos no momento da leitura da HQ *Palmares* e na sequência, a imagem da obra.



FIGURA 1.3. Alunos e bolsista do PIBID/Letras/Jardim no pátio da Escola Estadual Coronel Pedro José Rufino, 2013 (acervo pessoal).

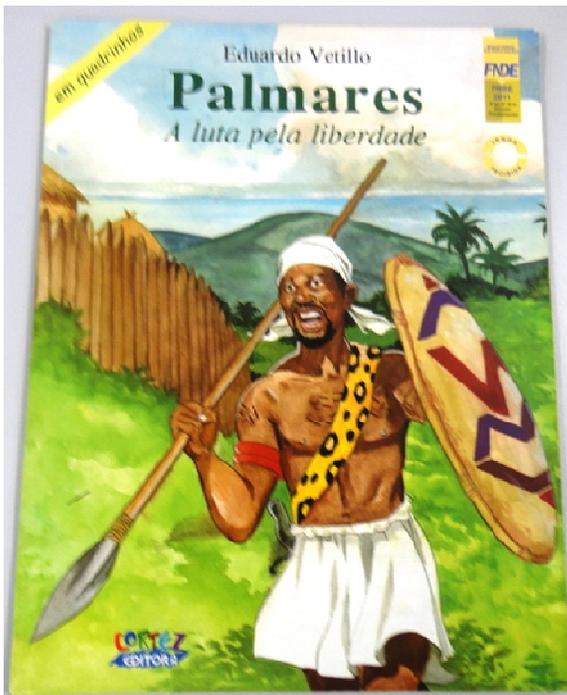


FIGURA 1.4 Imagem do livro utilizado na oficina “Cada um no seu quadrinho”

Semana 9 – 17 jun. 2013

Neste dia, fizemos uma leitura de uma HQ da *Turma da Mônica Jovem* de Maurício de Souza, chamada “Veneno Virtual”. A narrativa em questão tratava de temas ligados aos Perigos da Internet. Depois de uma leitura cheia de entusiasmo, o tema foi apresentado. Na sequência, os alunos foram questionados sobre os benefícios e prejuízos da internet. A partir das respostas apresentamos algumas imagens e argumentamos a respeito de como a internet pode nos ajudar. Num segundo momento, perguntamos novamente se a rede oferecia riscos e os alunos logo relacionaram sua resposta com a HQ lida e apontaram os pontos negativos ilustrados pelos quadrinhos lidos. Na sequência, mostramos algumas imagens com os reais perigos da internet como vírus, mentiras, drogas, prostituição e etc. Ao final da oficina, passamos algumas dicas de como usufruir da internet sem riscos e de forma saudável. Contamos com o envolvimento e interesse de todos os alunos na discussão sobre uma ferramenta tão comum em nossa realidade.



FIGURA 1.5 Alunos participantes da oficina encantados com a leitura na biblioteca da Escola Estadual Coronel Pedro José Rufino, 2013 (acervo pessoal).

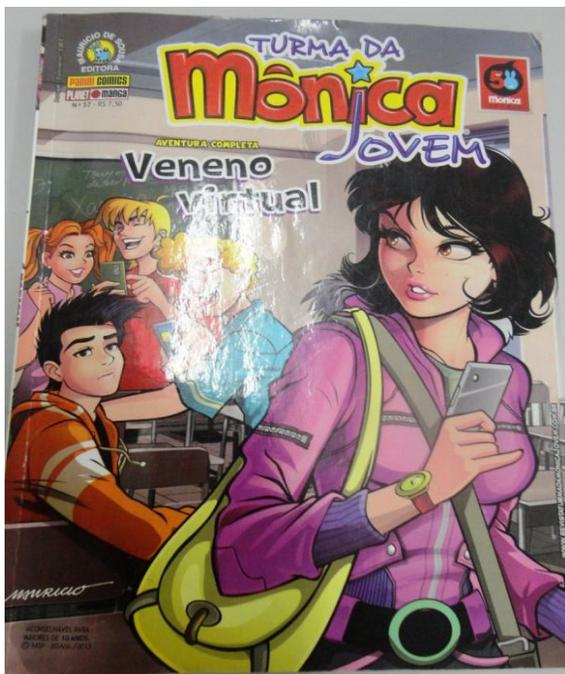


FIGURA 1.6 Imagem da HQ utilizado na oficina “Cada um no seu quadrinho”.

Semana 10 – 24 jun. 2013

Nesta semana, como os alunos estavam na Semana de Prova, resolvemos fazer uma leitura de incentivo. Apresentamos uma HQ do personagem Chico Bento, cuja narrativa principal girava em torno do dia em que Chico tinha tirado nota baixa na prova e precisava de um verdadeiro milagre. Como isso não existe, o jeito era estudar. Diante da dificuldade de Chico Bento, mostramos aos alunos que se o personagem fosse um leitor, ele não teria tanta dificuldade de estudar e se concentrar. Desta forma, mostramos o quanto a leitura é importante nossa vida, pois é através dela que nos tornamos mais críticos, adquirimos a habilidade da interpretação e assim fica mais fácil entendermos qualquer coisa que lemos (inclusive as temidas provas). Outro ponto que voltamos a enfatizar aproveitando que era matéria de prova foi a questão da variação linguística de Chico Bento e valores como a compaixão e bondade que sempre é importante destacarmos. Um aspecto positivo que vale destacar nesta oficina, foi que numa conversa informal a aluno Sara, 12 anos, relatou o quanto o projeto “Cada Um no Seu Quadrinho” despertou seu interesse pela leitura. Isso se confirma com o depoimento a seguir: “Antes eu não gostava de ler, detestava. Agora com a

participação no projetinho tudo que vejo eu já quero ler, revistas, jornais, livros mais extensos e sempre compro histórias em quadrinhos.” (Sara, 12 anos, 8º ano B).

Semana 11 – 01 jul. 2013

Neste dia, fizemos o encerramento da oficina do “Cada um no Seu Quadrinho”. Proporcionamos aos participantes a oportunidade de criarem sua própria HQ, a partir de uma sequência de quadrinhos das quais foram retiradas as falas dos balões para que os alunos criassem seu próprio enredo escrito. Os alunos ficaram bastante empolgados e já foram logo escrevendo e colorindo a sua HQ. Ao final da atividade, trocamos as HQs entre eles para que cada um conhecesse a história do colega. Percebemos que dessa forma, valorizamos não só o aluno como leitor, mas também como produtor de conhecimento. Depois dessa troca e da leitura, pedimos que cada aluno relatasse no verso da atividade, de que forma o projeto “Cada Um no Seu Quadrinho” contribuiu na vida. Na sequência, temos transcritos alguns destes relatos feitos pelos alunos:

“Depois que comecei a fazer parte do projeto minha leitura ficou bem melhor em sala de aula e comecei a pegar livros na biblioteca da escola pra ler, foi muito bacana”. (Lincon, 8º B 13 anos)

“Quando o projeto começou, eu achava chato, mas depois fui me interessando mais pela leitura. Agora eu amo ler. A leitura é tudo pra mim, mudou meu jeito de falar e escrever”. (Sarah 8º C 12 anos)

“O projeto do PIBID me ajudou bastante. Procurei ler mais, gostei das historinhas que lemos e também das professoras.” (Marcelly 8º B 13 anos)

“No projeto eu aprendi várias coisas, melhorei a leitura, me diverti muito e já estou começando a ficar com saudades dos encontros e de todos. Tomara que nos vemos no outro semestre”. (Arthur, 13 anos 8º B)

“Com o projeto eu procurei emprestar livros da biblioteca e me interessei mais pela leitura. Agora nas aulas eu leio mais tranquilo sem gaguejar e sem medo.” (Jonathan, 13 anos 8º B)

Através desses relatos, foi possível perceber que os alunos participantes da oficina de leitura “Cada Um no Seu Quadrinho” tiveram um considerável desenvolvimento e diante das discussões levantadas nas oficinas, se mostraram cada vez mais críticos, ampliando seus

conhecimentos de mundo através dos quadrinhos. Tiveram também ter um contato maior com a leitura e a oportunidade de conhecer alguns clássicos da nossa literatura. Por várias vezes a professora Supervisora vinha-nos relatar como os alunos comentaram e gostaram do projeto e o quanto estão mais críticos e participativos dentro da sala de aula.

Em nossa opinião, o trabalho serviu como ajuda na formação dos alunos como leitores e cidadãos críticos e despertou de alguma forma, o interesse deles pela leitura, não só de Histórias em Quadrinhos como também dos mais variados gêneros existentes na nossa literatura. Na ótica do letramento literário Cosson (2011, p. 17) afirma que:

A experiência literária não só permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência. Ou seja, a ficção feita palavra na narrativa e a palavra feita matéria na poesia são processos formativos tanto da linguagem quanto do leitor e do escritor. (COSSON, 2011, p. 17).

Por possuir esse caráter de tornar o mundo compreensível, é que a literatura deve manter um lugar especial nas escolas, não por imposição, mas sim pelo simples prazer estético da literatura como fruição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Comparando as Histórias em Quadrinhos com os diversos gêneros textuais não há outro que tenha enfrentado tantos percalços e problemas dentro da educação. Sua aceitação nas escolas precisou de muito tempo para se consolidar devido ao tom sombrio e de violência que tomaram as produções. Graças ao empenho de profissionais sérios do ramo dos quadrinhos, hoje é possível contemplar obras que realmente merecem estar presente no cenário escolar. Prova disso são os clássicos da literatura assim como obras de autores brasileiros consagrados com Maurício de Souza e Ziraldo. Vale ressaltar que, muitos adultos de hoje foram crianças que tiveram o primeiro contato com a leitura através das Histórias em Quadrinhos e hoje leem quadrinhos para seus filhos.

Levando em consideração a importância que têm as Histórias em Quadrinhos tanto na formação do leitor como ponto de partida para outras leituras, quanto na sua presença na sala de aula em atividades e em provas como as do ENEM, o presente trabalho de conclusão de curso teve como alvo os alunos dos 8º anos A e B do Ensino Fundamental, com as estratégias de leitura sugeridas por Rildo Cosson em sua obra sobre o letramento literário e pelos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) de Língua Portuguesa. Nosso foco maior foi a formação do aluno como um leitor autônomo tomando como ponto de partida a leitura de histórias em quadrinhos e sua valorização dentro da escola.

O desenvolvimento da oficina de leitura “Cada um no seu quadrinho” proporcionou-nos uma visão mais ampla na questão da leitura como instrumento desenvolvimento social do aluno. As práticas de leitura entre os alunos, se bem desenvolvidas, podem colaborar para a formação de leitores críticos e autônomos, tornando-se, portanto, algo de prazeroso.

Ao considerarmos que vivemos em contextos sociais em que predominam as mais diversas linguagens, num mundo em permanente transformação, podemos concluir que as crianças participam igualmente desta transformação, sendo assim, precisam entendê-las e vivenciá-las, logo a leitura dos quadrinhos, por comportarem diversas linguagens contribui de maneira ativa neste contexto.

Se antes a escola via as HQs como uma ameaça ao desenvolvimento dos alunos, hoje podemos contemplar a escola que conserva em seus acervos um grande número de clássicos da nossa literatura adaptado para os quadrinhos, com boa aceitação por parte dos alunos. Diante disso, é possível concluir que apesar de serem por tanto tempo rejeitadas e

negligenciadas na escola, as HQs sem dúvida contribuem na formação de leitores.

Assim, esperamos que este trabalho seja um estímulo aos docentes de Língua Portuguesa e a todos os demais que dele se utilizarem, percebendo a leitura como um processo prazeroso e contínuo.

A experiência aqui relatada contribuiu muito para minha formação como futura professora de Língua Portuguesa ao perceber que os diferentes gêneros podem ser utilizados em sala de aula como suporte de incentivo à leitura.

Como continuidade de nossa iniciativa com as HQs como gênero de incentivo a leitura, propusemos à coordenação da escola uma campanha de arrecadação de Gibis para a biblioteca entre os próprios alunos e professores e dar continuidade para o projeto com alunos do ensino médio.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil, gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1995.
- ANSELMO, Zilma Augusta. **Histórias em Quadrinhos**. Petrópolis: Vozes, 1975.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília. 1997.
- CADEMARTORI, Lúcia. **O que é literatura infantil?** 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CARDOSO, Athos Eichler. **As Aventuras de Nhô-Quim & Caipora: os primeiros quadrinhos brasileiros 1869-1883/ Angelo Agostini**. Brasília/DF: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002.
- CIRNE, Moacy. **História e crítica dos quadrinhos brasileiros**. Rio de Janeiro: Europa, FUNARTE, 1990.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2 ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011.
- CARVALHO, Djota. **A educação está no gibi**. São Paulo: Papyrus, 2006.
- GOMES, Nataniel dos Santos. (orgs.). **Quadrinhos e transdisciplinaridade**. 1 ed. Curitiba: Apris, 2012.
- GUYOT, Didier Quella. **A história em quadrinhos**. Tradução de Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 1994.
- MATO GROSSO DO SUL. Secretaria de Educação. **Referencial Curricular 2013 Ensino Fundamental/ Secretaria de Educação de Mato Grosso do Sul**. - Campo Grande: Secretaria de Estado de Educação de MS, 2012.
- MENDONÇA, Márcia Rodrigues De Souza. **Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos**. In: Gêneros textuais e ensino. 5ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, p. 194-207. 2007.
- MOÇO, Anderson. **Gêneros, como usar**. In: Revista Nova Escola. São Paulo: Editora Abril. Ano XXIV, n. 224, p. 48-57. Ago. 2009.
- MOYA, Álvaro de. **História da história em quadrinhos**. Nov. Ed. Ampliada. São Paulo: Brasiliense, 1996.

OLIVEIRA, Gilberto Maringoli de. **Angelo Agostini ou impressões de uma viagem da Corte à Capital Federal (1864-1910)**. São Paulo, 2006. Tese (Doutorado em História Social) FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

RAMA, Ângela; VERGUEIRO, Waldomiro (orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2012.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. 2 ed.- São Paulo: Contexto, 2012.

RANGEL, Mary. **Dinâmicas de leitura para a sala de aula**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.